

# FORMAS DE OBSERVAR UM TRAJETO

WAYS TO OBSERVE ROUTES

**Douglas Ferreira**

\*

Douglas Ferreira, 1993, nasceu em Pirapora (MG) e atualmente reside em Belo Horizonte. Possui formação em Letras pela UFMG e atua como professor e editor da Revista Cupim. É autor de Artur verde (Alecrim, 2020).

**[douglasdeoliveiratomaz@gmail.com](mailto:douglasdeoliveiratomaz@gmail.com)**

### ELA GOSTAVA DE PÊSSEGO

Perdi minha avó. Só agora, depois de anos, consigo encarar uma frase. Você perdeu sua avó, foi o que me disseram ao telefone. Uma frase que causa o desmonte. Tenho que fazer uma viagem, devo ter pensado quando pude, só depois, voltar a pensar.

Havia um desconhecido em minha cama quando acordei na manhã seguinte à notícia. Roupas, travesseiros e cobertores se espalhavam pelo quarto assim como aquele homem, esparramado no colchão como se estivesse em casa. Levantei, e um gosto amargo recendeu em minha boca, uma ardência que me fez lembrar de quando entramos no quarto, de como me deitei exausto e só queria manter a luz apagada. Ele ficou ainda em pé ao lado da cama sem saber como lidar com meu rosto inchado. Não pedi, mas logo em seguida se deitou comigo, cheirava a álcool. Acordei ainda de madrugada com o peso do seu corpo, que me lambia o pescoço, tirava minha roupa, queria meter, e eu calado, meus olhos pesados, um rinoceronte, Mateus era o seu nome. Tenho que fazer uma viagem, pensei quando entrei no banho. Saí de casa, Mateus ainda dormia, uma viagem, dezesseis horas de ônibus.

Comprei a passagem para o horário seguinte, ainda me sobrou tempo para um café, mas o dinheiro entre meus dedos, naquele dia, me pareceu tão despropositado. Eu

não queria comprar mais, ficava me perguntando se a atendente não via meus olhos marejados, se ela não percebia que eu estava agora em trânsito, quando eu começaria a chorar de novo, na frente dela? na frente daquele pão de queijo que se transformara em borracha velha? Eu não tinha força e não queria morder mais, não queria. A atendente não notou, o caixa não notou, nem o guichê da rodoviária, e pensei que eu merecia não ser cobrado por nada, ninguém mais deveria me impor um cálculo, um troco. Como se fosse meu aniversário e merecesse um desconto, embora não houvesse aniversário algum, eu só tinha perdido quem eu não deveria perder nunca, e este certamente era um evento mais raro do que uma volta completa em torno do sol.

Eu estava numa boate quando recebi a ligação. Larguei Mateus encostado numa parede e me afastei dizendo: é minha família, minha família. Só conseguia ouvir a música alta, perdi as primeiras palavras, até hoje não sei como foi o preparo, o cuidado antes da frase decisiva, só comecei a ouvir quando já repetiam: sua avó, tenho uma notícia. O porteiro não me deixava sair, porque depois não poderia retornar, e quem retornaria, eu poderia ter perguntado, no entanto fui mais direto e pronunciei pela primeira vez o que àquela altura eu já compreendia: é morte na família. A porta minúscula se abriu, abriu-se para mim a calçada, a rua, havia ainda um aglomerado de

peessoas, mas todas devem ter me ouvido, porque embora quisessem entrar, todas abriram caminho. Mateus estava atrás de mim e eu não tinha percebido, quando chorei pela primeira vez eu teria caído se ele não tivesse me segurado e se sentado no chão comigo, mesmo sem entender a responsabilidade que eu lhe tinha dado. Bárbara, uma moça de cabelo verde com óculos escuros e brincos fluorescentes, que estava na fila, agachou-se ao nosso lado e disse palavras de consolo, mas eu só conseguia enxergar as luzes do seu par de brincos e do letreiro vermelho se liquefazendo. Gostaria de lembrar quais foram suas palavras, porque se ainda consigo recordar as luzes, as mesmas luzes ao longo de todos esses anos, isso significa que de algum modo o que foi dito serviu para o amparo – como acalmar um indivíduo em plena queda, eu deveria ter aprendido com Bárbara.

Antes do ônibus partir, Raimundo, o motorista, mais uma vez se dirigiu aos viajantes, embora demonstrasse não estar confortável com a fala. Ao informar o horário de chegada, o número de paradas, ao recomendar o uso de cinto de segurança, tentava ser o mais sucinto dos homens, mas somente transparecia ser o mais tímido, o mais exposto dentre todos. É que não careço de voz para o ofício, ele justificaria, bastam-me os pés e as mãos, é com eles que lido. E com minha falta de sono, minha atenção redobrada, preciso identificar cada leve

movimentação na estrada, preciso transmitir segurança a quem viaja, sobretudo deixá-los a salvo em seu destino. É isso que desejam, por vezes rezam, quando me olham e eu lhes digo: boa viagem. Só querem chegar lá, mais nada. Preciso me sentar confortavelmente, coordenar meus movimentos, regular o ar-condicionado, controlar o tempo que estivermos parados, tenho horário certo de partida, de chegada, tenho que fugir de homens suspeitos na estrada, contornar os buracos, sobretudo fugir dos acidentes. Mas da voz preciso pouco, ele justificaria, preferiria esconder meu rosto e não ter que falar nunca, porque dirijo.

Ela não gostava de velocidade. Quando alguém na família ia viajar, tinha que antes lhe anunciar a partida. Então se dirigiam ao altar, acendiam uma vela, rezavam para o santo protetor das estradas. Em seguida minha avó perguntava que horas ia, quando retornava, no fim da conversa a mesma recomendação: não passe de oitenta, ave maria, todo mundo anda louco nessas rodovias. Nunca houve acidentes na família, embora todos ultrapassassem a velocidade aconselhada. E a vela continuava acesa até o parente voltar.

As árvores corriam soltas lá fora, e o problema em viajar de dia, ali devo ter elaborado, é jamais esquecer esse movimento, jamais esquecer que se vai, traçar uma linha

no espaço, de um ponto a outro da vida, e acompanhar todo o trajeto à luz do sol, sem sono, somente eu, o vidro, o outro lado. Perceber mais uma vez a mudança da vegetação: de uma mata densa e úmida para outra, esparsa e seca, como se estivesse morta; a mudança da estrada: de uma rodovia estreita e curva para outra, larga, reta, que só se perde porque se encontra com o horizonte. A amplidão, reencontrá-la a cada parada, a cada hora a mais. E jamais esquecer, nesse movimento, que é ao encontro de uma paisagem sem fim que se vai.

Uma cidade à frente, sentou-se ao meu lado um senhor rústico, de pele queimada. Mantinha o olhar baixo, usava o boné de uma loja de material de construção e uma camisa branca com a fotografia de um adolescente estampada. Não consegui ler o que vinha escrito nela, mas o rapaz fazia pose, era uma foto recortada, havia um braço sem dono passado pelo seu ombro. Seguimos viagem por um bom trecho, o homem tinha um cheiro forte de terra, as mãos grossas, uma postura frágil. Ele percebeu que eu o fitava e sorriu, constrangido: bom dia. Opa, me remexi na poltrona, não esperava o contato. Tá quente lá fora, aqui tá fresquinho, ele sorriu e se ajeitou no lugar. É, devolvi. Após uma pausa apontei para sua camisa, que me afligia: quem é? Ele olhou para si, surpreso, como se não lembrasse o que estava vestindo: o menino? não sei direito, o nome é Marcelo, tá escrito

aqui atrás. Virou de costas, abaixo do nome uma frase: saudades eternas. Ganhei essa blusa, não é parente meu não, o senhor continuou, depois esperou em silêncio. De repente demonstrou ter se assustado com uma hipótese que lhe veio, olhou pra mim, beirando o desconsolo, e me perguntou, tímido: mas você conhece ele? Também não, respondi, e o senhor pareceu aliviado.

Ela viajou para Foz do Iguaçu. Sempre contava a familiares e desconhecidos que tinha visto de perto as cataratas, quando passava na televisão um comercial, podíamos esperar seu comentário: eu já fui aí, e apontava. Como já estava velha, nunca acreditei nessa história. Parecia ter inventado só para dizer que um dia viajara pra longe, eu também inventava relatos de viagem quando criança. Nunca tivemos dinheiro pra férias, eu gastava todos os dias do recesso escolar dentro de casa, assistindo TV. No início do ano letivo inventava para meus colegas de escola que tinha visitado um sítio de um amigo da família, a cidade pequena de um parente na Bahia, ou algum shopping da capital do estado. Sempre achei que vó fazia o mesmo, mas para sua mentira tinha escolhido um único destino. Até que um dia, não lembro a ocasião, estávamos em seu quarto numa atmosfera de segredo quando ela abriu uma gaveta da cômoda e retirou de dentro um envelope amarelado que continha seu único álbum de fotografia – objeto gorduroso, sem capa. Dentre as fotos

de família ela retirou uma, e eu nunca esqueci, em que estava encostada numa grade, rodeada de outros turistas, quase não havia espaço, mas ela posava e sorria de boca fechada, o cabelo voando, atrás de si o grande som das quedas d'água, eu podia ouvir.

Você não vai chegar a tempo, o cortejo já vai sair, me avisaram ao telefone. Eu estava parado num posto de gasolina, na metade da viagem, ainda faltava muito, e o caixão já estava pronto, o corpo já estava pronto. Nunca pude ver a imagem da minha avó morta, exceto pela imaginação, que nunca quis trabalhar muito bem nisso, só conheço esse ritual pelo que os outros me contaram, e ninguém nunca conseguiu me contar muito. Me disseram que a casa funerária estava cheia, que a cidade inteira parou para a despedida, que o dia estava nublado, mas na hora exata do enterro o céu se abriu, amarelo, alguém viu uma borboleta branca flutuando próximo à lápide, alguém viu a mesma borboleta dentro de casa, tia Danúbia desmaiou quando soube da notícia e passou o dia inteiro no hospital, e talvez por isso, além de mim, somente tia Danúbia pôde de longe ver o que eu vi, pois no posto de gasolina fiquei contando os carros no estacionamento, tentei não pensar em terra, cova, pás, quando entrei novamente no ônibus e segui viagem, me esforcei para só pensar em água.



Eu não queria chegar lá. A verdade é que agradei por não ter estado ao lado, por não ter segurado sua mão no último fôlego, por não tê-la visto fraquejar demais até o fim, agradei por não ter sido eu a dar aos outros a notícia, por não ter sustentado com meus braços o desespero de tia Danúbia, por não ter ouvido os primeiros gritos, os mais rascantes e enlouquecidos. Tinha desejado a distância em que me mantive, a distância de outra cidade, o percurso de dezesseis horas para abafar por dentro o meu próprio grito, dezesseis horas para que quando eu chegasse estivesse tudo calmo e de preferência que todos dormissem. Quando criança eu chorava sozinho na cama à noite ao antecipar sua morte e acreditava que quando isso acontecesse, como uma corrente de ouro que se recolhe, minha avó levaria todo mundo consigo.

Ela veio de barco e perdeu sua casa numa enchente, saiu do sertão e escolheu para si uma cidade com rio, morou em bairro de pescador, lavava roupa nas pedras, levava os filhos para nadar enquanto a roupa secava, eles também jogavam futebol nos campos de areia, na minha primeira lembrança de carnaval eu corria atrás de um caminhão-pipa, seu peixe preferido era curimatã, antes de morrer tirou foto deitada na beira d'água, durante a migração seu único irmão foi enterrado num barranco argiloso de uma cidade ribeirinha, quando teve algum dinheiro comprou um pedaço de córrego, em sua terra

natal até hoje o povo morre de sede. Nunca vi minha avó nadando.

O cara pegou o ônibus no acostamento da rodovia escura, não consegui identificar em que município estávamos, foi como se tivesse surgido da própria noite. As luzes precisaram ser ligadas para que entrasse, minhas vistas se ofuscaram por um instante. Não precisou guardar sua bagagem junto com as outras, viajava apenas com uma bolsa de mão que coube perfeitamente sobre a poltrona. Logo que se acomodou, o trocador veio lhe cobrar a passagem, era pouco dinheiro, ele não ia longe, pararia no meio da estrada mesmo, assim como tinha chegado. Aparentava já ter idade avançada, podia ser meu pai, me lembro de ter comparado. Eu voltaria a observar a silhueta das árvores, tentaria sem sucesso ler as placas brilhantes para que o sono viesse, se aquele homem não tivesse fixado o olhar em mim por duas vezes: a primeira, furtiva, enquanto ainda guardava a bolsa; a segunda, antes das luzes se apagarem novamente, quando se levantou da poltrona, fingiu espreguiçar-se, alongou as costas, olhou pra trás e ficou me vendo.

Ela gostava de imaginar meu futuro. Vá embora, mas volte grande, lembro que me disse quando mudei de cidade, ainda jovem. Sempre que eu voltava de férias, pedia para que lhe contasse o que fazia lá, era tudo muito

complicado de contar, mas ela balançava a cabeça mesmo sem entender e guardava o que havia de melhor, repetia para os outros as pequenas conquistas, os caminhos que me levariam a alcançar meu destino – e no começo eu acreditava. Nunca pude levá-la para conhecer minha nova casa, as pernas suportavam pouco, não conseguia mais fazer viagens. Um dia lhe trouxe fotografias dos meus novos amigos, ela olhou tudo com uma alegria que foi se desvanecendo. Mas essas pessoas parecem usar drogas, meu filho, observou ao final do álbum. Sua voz fraquejou quando perguntou no momento seguinte: elas usam? Me assustei com seu juízo e não pude deixar de me decepcionar um pouco, de me arrepender por tentar conciliar o que parecia inconciliável: o antes e o agora. Poderia ter respondido de mil maneiras, mas eu não estava disposto a lhe esconder mais nada: algumas sim, vó, outras não. E você? seu corpo pareceu questionar, mas ela preferiu a dúvida, ficou calada.

Noutro dia, já não importa se antes ou depois, estávamos sentados na calçada de casa como fazíamos antes de dormir, eu lhe massageava os pés, ela cochilava, batia um vento fresco antes da meia-noite. Durante o intervalo entre um sono e outro, ela me lançou sem pretensão alguma: e a igreja, filho, continua indo? Mesmo engasgado não demorei a responder: parei de ir, vó – e ela acordou. Como assim parou de ir, por quê? Já não me identifico

mais, não me sinto bem, mas não precisa perder o sono por isso – complementei com uma risadinha nervosa. Minha avó tinha me obrigado a fazer catecismo, ia comigo à missa dos domingos até que passei a ir sozinho, para seu orgulho. Ela estava séria, já não me encarava mais, tirou os pés do meu colo, ajeitou o xale nos ombros: é, é assim, falou para si como se tivesse sido injustiçada, como se eu fosse ingrato e estivesse renegando seu presente mais precioso – e era mesmo isso, foi assim que me senti, triunfante e ingrato. Vamos dormir, ela se levantou devagar, mas se suas pernas deixassem, teria se levantado rápido.

Ele tinha passado por mim para ir ao banheiro, tudo dormia dentro do ônibus, menos eu. Minha cabeça estava longe, mas meu corpo estava ali, presente, como se pela primeira vez tivesse ocorrido um descolamento entre os dois, meu corpo queria sem minha anuência, ele podia ser meu pai, me lembro de repetir. Alguém lia com a luz da poltrona acesa, eu tinha fixado minha resistência naquela luz: enquanto estivesse ligada, não me moveria. Mas a lâmpada fraca foi apagada e só restou o vulto do cara, que tinha passado por mim. Ouvi o barulho da porta do banheiro se abrindo de novo, depois sendo fechada, percebi pela demora que ele retornava em passos lentos. Quando alcançou minha fileira, estancou, ficou me olhando de cima, e eu tentando me concentrar nos

pontos de luz esparsos que surgiam lá fora, mais uma cidade se aproximava. Escorou então no bagageiro, abai-xou levemente o pescoço em minha direção, sussurrou: a poltrona do meu lado tá vazia. Depois caminhou sem olhar pra trás até seu lugar, fiquei esperando, li o nome da cidade, mas até hoje não sei onde estava.

O senhor rústico acordou ao meu lado e cruzamos nos-so olhar no escuro, seu rosto sabia, tenho certeza, talvez tivesse sonhado com dois homens sozinhos numa via-gem de ônibus que durava. Sua expressão era terna, no entanto, não havia susto, mas acolhimento. Tirei o cinto de segurança, calcei os sapatos na velocidade mais lenta que pude para que o momento sem volta nunca chegasse, para que quem sabe minha cidade chegasse antes e, por pior que fosse, só me restasse lidar com a fúria da rodoviária, a fúria para a qual me preparava. Os sapatos já estavam calçados, e ainda continuávamos em movi-mento. O senhor já se preparava para me dar passagem, também ele abria caminho para o instante fortuito, o instante sobre o qual não se pensa. Me levantei, já avan-çávamos pelas primeiras ruas daquela cidade desconhe-cida, os postes lançavam seus focos de luz amarela para dentro do ônibus, e o que antes era apenas uma luz de poltrona acesa agora se transformara em labaredas que ora se acendiam, ora se apagavam. Algumas pessoas já começavam a acordar, incomodadas com a cidade que

brilhava. Passei pelo senhor, que encolhia as pernas, e nos vimos pela última vez naquela noite: seu olhar de acolhimento agora tinha se transformado em música, uma música entregue subitamente, um verso pra que eu tivesse cuidado, ele cantarolava em silêncio para mim no escuro, passei, ele desencolheu as pernas, abriu-se o corredor, pra que eu tivesse cuidado na partida pro futuro.

Ela não gostava de viado. Eu estava no carro, mas fingia não ouvir a conversa, íamos ao aniversário de um primo que não via há muito tempo, ele tinha se mudado de casa e agora morava num bairro de difícil acesso. Ela e tia Danúbia contavam a história do meu primo, sua infância silenciosa, sua juventude promissora, o quanto era querido, e como tudo tinha se perdido agora, e se iam ainda naquela festa era por sua mãe, que não merecia essa casa tão longe, não merecia ter um genro ao invés de uma nora. No fim da conversa, quando estacionaram o carro na porta, minha avó concluiu com uma frase: parece que essa coisa tá se alastrando feito praga. Ao longo dos anos perdi muito em minha memória, mas nunca esqueci quando ela disse praga.